

"O SOFRIMENTO PSÍQUICO É COMPLEXO COMO O SER HUMANO. TEM CAUSAS PSICOLÓGICAS, FAMILIARES, SOCIAIS, CULTURAIS. O ÚLTIMO GOVERNO PRIVILEGIAVA O MEDICAMENTO"

Renato Cãnfora, coordenador de Saúde Mental do DF

"BOA PARTE DOS CASOS QUE CHEGAM AO AMBULATÓRIO É DE DEPRESSÃO LEVE E CRISES DE ANSIEDADE, QUE PODEM SER RESOLVIDOS SEM VIR AO SÃO VICENTE"

Ricardo Lins, diretor do Hospital São Vicente de Paulo

"SE EU FOSSE ABRIR A PORTA PARA TODOS OS PEDIDOS, TODO MÊS TERIA MAIS 10 OU 15 NOVOS ABRIGADOS. E CADA UM DESSES QUE ESTÁ AQUI VALE POR DOIS"

Hermenegildo Davi da Luz, fundador do abrigo Nosso Rancho

A PORTA DE ENTRADA DO NOSSO RANCHO: UMA GENTE QUE PERDEU A RAZÃO, PERDEU A FAMÍLIA E TEM MUITO POUCA A ESPERAR

CONCEIÇÃO FREITAS
DA EQUIPE DO CORREIO

Mais de 300 mil moradores do Distrito Federal e do Entorno padecem ou ainda vão padecer de algum tipo de sofrimento psíquico, em menor ou maior gravidade. Desde pequenos transtornos temporários a esquizofrenias em estado avançado. O número é retumbante, mas não significa que os brasileiros e seus vizinhos sejam mais malucos que a média da população mundial — pelo menos não há nenhum estudo científico que aponte a capital do país como mais ou menos doída que outras cidades, brasileiras ou não.

A Organização Mundial de Saúde calcula que de 10 a 15% da população mundial tem ou terá em algum momento de suas vidas a necessidade de atendimento em saúde mental. A se leva em conta que o DF e o Entorno, juntos, têm quase 2,9 milhões de habitantes, a estimativa acompanha a realidade de outros países. O que diferencia a loucura que mora ao lado do poder das demais é a negligência e o descaso da rede pública de saúde do Distrito Federal com a população que padece de desordem mental. O DF está em penúltimo lugar no ranking da Coordenação de Saúde Mental do Ministério da Saúde que, no final do ano passado, enfileirou todas as unidades da federação em número de Centros de Atenção Psicossocial (Caps) espécie de casa de convivência e tratamento, e de residências terapêuticas, destinadas àqueles que perderam o vínculo com a família ou que a família não tem condições de deles cuidar.

Pior que a capital do país, são o Amazonas. O ranking é um indicador relevante do desprezo a quem estão submetidos no DF os portadores de transtorno mental, os crônicos, os eventuais e os circunstanciais. A principal porta de entrada do tormento psíquico brasileiro é o Hospital São Vicente de Paulo, que a população conhece por Hpap, sigla do antigo Hospital de Pronto Atendimento Psiquiátrico e que, de tão popular na cidade, virou nome de banda de rock.

Existem 92 mil prontuários ativos no São Vicente, ou seja, quase 100 mil pessoas têm procurado a instituição para pedir socorro, remédio, internação, ajuda, escuta, qualquer alento para seu suplício. A cada dia, em média, de 20 a 30 pessoas voltam para casa sem conseguir atendimento ambulatorial.

Além de não cumprir as determinações do Ministério da Saúde, o Distrito Federal esconde pacientes de transtornos mentais num abrigo em Águas Lindas, a 60 quilômetros da Esplanada dos Ministérios. Cinquenta e seis portadores de algum tipo de sofrimento psíquico estão abrigados na Morada para Jovens da Terceira Idade do Nosso Rancho. Quarenta e oito deles vieram do Hospital São Vicente de Paulo, segundo informou Desinaldo de Santana, o administrador.

Dos 56, 26 não têm documentos pessoais. Têm de 24 a 85 anos. São pessoas que se conhece pelo prenome, pelo apelido ou por algum nome que lhe foi posto ao longo do tempo em que foi ficando anônimo, sem identidade, perdido de si, perdido dos

outros. Alguns não conseguem mais se expressar pela palavra. Dos que conseguem, muitos preferem o silêncio, por apatia talvez. A maioria perdeu o contato com a família e, dos que têm alguma referência familiar, raros recebem visitas.

Há três meses, a Secretaria de Saúde não paga os R\$ 6 mil mensais que deve ao Nosso Rancho, como ficou estabelecido em convênio entre o GDF e o Estado de Goiás. Pelo compromisso firmado, o DF entraria com o dinheiro e a medicação e Goiás, com a equipe médica, que apareceu uma única vez e nunca mais. (Na sexta-feira, final da tarde, a Secretaria de Saúde prometeu depositar amanhã as três parcelas devidas. Alegou que o Nosso Rancho não vinha fazendo a prestação de contas, mas o administrador garante que fez.)

Dormitório distante
São precaríssimas as instalações do abrigo, uma casa popular de três quartos, um pavimento, cercada de puxadinhos que fazem as vezes de dormitório, escritório, um galpão, uma varanda e um terreno pedregoso e irregular. As cadeiras são velhas, capengas, desconfortáveis. Dezenove dos abrigados têm de dormir no "bazar", uma casa próxima, por falta de espaço na sede. De novo mesmo, só a cozinha recém-inaugurada. Mas os internos reclamam da comida — café-da-manhã, almoço e jantar. "É arroz, feijão, ovo ou um pedaço de carne, mas sem tempero", diz um dos poucos pacientes que conseguem se expressar razoavelmente. Na falta de funcionários, na semana passada, uma paciente vigiava os remédios enquanto a enfermeira saiu do quarto para resolver uma urgência. Dezenas de cartelas de medicamentos controlados ficaram sobre a cama.

A maioria dos abrigados do Nosso Rancho carrega no corpo e no que ainda resta de memória histórias de muitas internações em hospitais psiquiátricos. Um deles, Francisco Alexandre da Cruz, 48 anos, tem a mão direita quebrada, envergada para frente, quase em ângulo de 45 graus. O pulso esquerdo é marcado por uma cicatriz de uns cinco centímetros de largura, pele grudada no osso. Supõe-se que seja a marca de longa permanência amarrado, porque ele não sabe contar. Balbucia frases incompletas, sorri sorriso semidesdentado. Dorme no chão, porque não se acostuma ao colchão, tanto o tempo em que viveu na rua ou em condições bem piores que as atuais. Mas, durante o dia, outros dormem no chão, porque faltam camas para todos na sede do abrigo (por isso, dormem em outra casa, mas só vão para lá à noite).

A televisão fica ligada na varanda, mas poucos se interessam pelas imagens de um mundo que não lhes diz respeito. As condições são quase inóspitas. Dormem no chão, porque não se acostuma ao colchão, tanto o tempo em que viveu na rua ou em condições bem piores que as atuais. Mas, durante o dia, outros dormem no chão, porque faltam camas para todos na sede do abrigo (por isso, dormem em outra casa, mas só vão para lá à noite).

LOUCOS E ABANDONADOS

A CAPITAL DO PAÍS ESTÁ EM PENÚLTIMO LUGAR NO RANKING DO MINISTÉRIO DA SAÚDE QUE MEDE O CUMPRIMENTO DE ALGUNS DOS CUIDADOS DA REDE PÚBLICA COM A SAÚDE MENTAL



OS ABRIGADOS DO NOSSO RANCHO, EM ÁGUAS LINDAS, PASSAM A MAIOR PARTE DO DIA NUMA VARANDA DE CADEIRAS E SÓFAS CAPENGAS. QUASE NÃO FALAM. ALGUNS MURMURAM FRASES DESCONEXAS, OUTROS ADERIRAM AO SILÊNCIO POR VONTADE PRÓPRIA

Um São Vicente é muito pouco

O novo coordenador de Saúde Mental da Secretaria de Saúde, Renato Cãnfora, 46 anos, só tem uma sala no fundo de um corredor num prédio de instalações precárias no Setor de Indústria e Abastecimento. É um militante da luta antimanicomial, que resultou na Lei 10.216, de 2001, que pôs fim aos manicômios e assegurou, pelo menos na letra da lei, o tratamento humanitário do paciente com transtorno mental "visando alcançar sua recuperação pela instituição, na família, no trabalho e na comunidade". Foi o primeiro passo para acabar com as atrocidades praticadas ao longo dos séculos nos hospícios, durante as noites ferozes das camisas-de-força e dos electrochoques. "O sistema de saúde mental do DF está centrado no São Vicente (o hospital) e isso é inviável. Por conta disso, as medidas de segurança adotadas acabam criando um clima de manicômio. A equipe fica tensa, insegura e se torna agressiva. Os pacientes ficam ansiosos, angustiados, o clima fica hostil", relata Cãnfora.

A mudança da equipe, com o novo governo, e, portanto, da mentalidade que comandava o atendimento à saúde

mental tem suavizado o clima no São Vicente, diz o coordenador. Mas efeitos psicológicos são muito pouco para a gravidade da situação. Renato Cãnfora diz que não tem a ilusão de, mesmo se ficar no cargo por quatro anos no cargo, mudar drasticamente o regime calcificado há tanto tempo. Pretende, no período, formar equipes que possam fazer as transformações ao longo das próximas décadas. Quais setores de transtorno mental "visando alcançar sua recuperação pela instituição, na família, no trabalho e na comunidade". Foi o primeiro passo para acabar com as atrocidades praticadas ao longo dos séculos nos hospícios, durante as noites ferozes das camisas-de-força e dos electrochoques. "O sistema de saúde mental do DF está centrado no São Vicente (o hospital) e isso é inviável. Por conta disso, as medidas de segurança adotadas acabam criando um clima de manicômio. A equipe fica tensa, insegura e se torna agressiva. Os pacientes ficam ansiosos, angustiados, o clima fica hostil", relata Cãnfora.

A mudança da equipe, com o novo governo, e, portanto, da mentalidade que comandava o atendimento à saúde

mental tem suavizado o clima no São Vicente, diz o coordenador. Mas efeitos psicológicos são muito pouco para a gravidade da situação. Renato Cãnfora diz que não tem a ilusão de, mesmo se ficar no cargo por quatro anos no cargo, mudar drasticamente o regime calcificado há tanto tempo. Pretende, no período, formar equipes que possam fazer as transformações ao longo das próximas décadas. Quais setores de transtorno mental "visando alcançar sua recuperação pela instituição, na família, no trabalho e na comunidade". Foi o primeiro passo para acabar com as atrocidades praticadas ao longo dos séculos nos hospícios, durante as noites ferozes das camisas-de-força e dos electrochoques. "O sistema de saúde mental do DF está centrado no São Vicente (o hospital) e isso é inviável. Por conta disso, as medidas de segurança adotadas acabam criando um clima de manicômio. A equipe fica tensa, insegura e se torna agressiva. Os pacientes ficam ansiosos, angustiados, o clima fica hostil", relata Cãnfora.

A mudança da equipe, com o novo governo, e, portanto, da mentalidade que comandava o atendimento à saúde

mental tem suavizado o clima no São Vicente, diz o coordenador. Mas efeitos psicológicos são muito pouco para a gravidade da situação. Renato Cãnfora diz que não tem a ilusão de, mesmo se ficar no cargo por quatro anos no cargo, mudar drasticamente o regime calcificado há tanto tempo. Pretende, no período, formar equipes que possam fazer as transformações ao longo das próximas décadas. Quais setores de transtorno mental "visando alcançar sua recuperação pela instituição, na família, no trabalho e na comunidade". Foi o primeiro passo para acabar com as atrocidades praticadas ao longo dos séculos nos hospícios, durante as noites ferozes das camisas-de-força e dos electrochoques. "O sistema de saúde mental do DF está centrado no São Vicente (o hospital) e isso é inviável. Por conta disso, as medidas de segurança adotadas acabam criando um clima de manicômio. A equipe fica tensa, insegura e se torna agressiva. Os pacientes ficam ansiosos, angustiados, o clima fica hostil", relata Cãnfora.

A mudança da equipe, com o novo governo, e, portanto, da mentalidade que comandava o atendimento à saúde

PERDIDOS DE SI

OVÃO DE LÚCIA

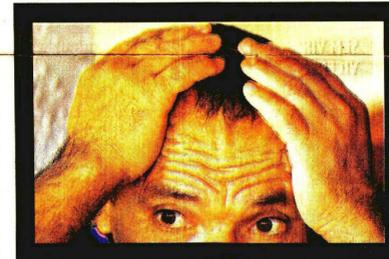


LÚCIA ANDA E BATE NO METAL PARA AFASTAR OS MAUS ESPÍRITOS

Lúcia Cesarea da Silva, 51 anos, nasceu na fronteira do Maranhão com o Piauí e há mais de 20 anos transita nos limites da Asa Sul. Desde o amanhecer até o chegar da noite, ela passeia livremente pelas quadras, sem roteiro definido. Vai por onde e para onde suas pernas lhe levam. Andar, diz ela, "afasta os maus espíritos". São dois os modos que Lúcia encontrou para mandar embora o que lhe atormenta. Andar e bater com um pau em um objeto metálico. O som estrepitoso alivia a alma de Lúcia. Tão logo acorda, ela avisa aos maus espíritos que se afastem — bate várias vezes em alguma superfície de metal. E está pronta para o dia. Seu mal, segundo laudo psiquiátrico, é esquizofrenia. O que não o impede de morar sozinha, cuidar da casa, lavar a própria roupa, arrumar a cama, e manter-se limpa, bem-vestida, de ca-

belos cortados. Lúcia tem um tutor, o motorista de van José Marques, de 46 anos. Líder comunitário da Vila Telebrasil, Marques conseguiu a aposentadoria de Lúcia, um lote ao lado do seu, com a ajuda da igreja Sagrado Coração de Jesus, uma casa de três cômodos. É ele quem paga as contas de Lúcia e lhe dá o dinheiro que ela precisa para seus passeios diários. Lúcia sonha: quer construir uma casa de dois pavimentos para ver o pouso dos aviões. E ri, muito. Alegria entremeadada por um silêncio de volta pra dentro.

DO RISO À IRA



BERNARDO: "NÃO SEI SE ESTOU VIVENDO NESSE MUNDO"

Bernardo Soares de Araújo, 52 anos, é um dos que mais dão trabalho aos nove funcionários do abrigo Nosso Rancho. Durante 27 anos, Bernardo trabalhou como operador de máquina de rolo compressor (que expelle asfalto para manutenção das vias pavimentadas). Até que começou a sentir fortes dores de cabeça, a perder paulatinamente a memória até que um dia chegou em casa e disse à mulher: "Sônia, eu não sei se estou vivendo nesse mundo". Pediu demissão da empresa onde trabalhava. E, certo dia, comentou com a mulher: "Sônia, não sei se eu saí da firma, se não saí...". Nos dias que se sucederam, ele foi tomado por surtos de violência. Batia nas portas da casa, quebrava objetos. Até que foi inteiramente sugado para um mundo desordenado. Não reconhece a mulher, a filha, os ami-

gos, ninguém. Tenta pular o muro para fugir do abrigo, gosta de mastigar brita, e anda freneticamente de um lado para o outro dizendo frases sem sentido (pelo menos para os supostamente normais). As vezes ri, gargalha, outras fica irado, possesso. Por isso, passa boa parte do tempo amarrado com pedaços de pano a uma cadeira de rodas. Bernardo está de licença médica desde o final do ano passado. Sônia falou longamente ao Correio, mas depois pediu para que nada fosse publicado.

SEU PIO SEM LUZ



SEU PIO AJUDOU A CONSTRUIR O ITAMARATY. HOJE, NÃO SÃO VICENTE

Seu Pio da Silva, 68 anos, cearense de Milagre, ajudou a construir o Itamaraty, e muitos dos prédios públicos erguidos depois da inauguração. Trabalhava de sol a sol. Quando não, estava na farrá, com amigos e mulheres. Até que no dia 18 de março de 1972 teve seu primeiro surto esquizofrênico para nunca mais voltar ao Pio de antes. "Nunca me esqueço desse dia. Ele chegou em casa todo agitado pedindo para eu acender todas as luzes da casa. E era dia. Foi o derradeiro dia de sossego da minha vida", lembra-se dona Aldenir Pinheiro da Silva, 62 anos, a mulher. Seus surtos frequentes fazem dele um dos mais assíduos frequentadores do São Vicente. O filho mais velho, Eliciano Pinheiro da Silva, 41 anos, servidor público, desde os 4 anos de idade acompanha a mãe na peregrinação por hospitais e instituições filantrópicas em busca de socorro

para o pai. Na semana passada, seu Pio foi internado. E já recebeu alta. A família desaperou-se: "Ninguém tem controle sobre ele. Minha mãe está muito doente, vai acabar morrendo. Não é possível que não exista um lugar que possa cuidar dele? Meu pai ajudou a construir essa cidade", diz Eliciano, com um tremor de desespero na voz. A filha mais nova de seu Pio, Elaine, 31 anos, servidora pública, desde os 4 anos de idade acompanha a mãe na peregrinação por hospitais e instituições filantrópicas em busca de socorro